A PSICANÁLISE E O “MIND, BODY PROBLEM”

María Elena Lora (Responsável)

 Jimena Contreras, Magguie Jáuregui, Leonardo Prado, Ximena Rojas

No berço das empresas vive-se um momento histórico, Sillicon Valley converteu-se em uma fábrica de sonhos. As novas empresas devem ser mais que rápidas, melhores e baratas, devem por em marcha um grupo de tecnologias como a interação de qualquer um com a inteligência móvel, a robótica e a artificial, que esta produzindo uma enxurrada de aplicações e dispositivos, desde o software por voz até os automóveis sem condutor. A máquina sabe o que cada um deseja, sabe onde cada um se encontra, e está constantemente aprendendo a ser útil. Sem dúvida, todas estas inovações chegaram vertiginosamente a se tornar rotineiras, como o reconhecimento facial, de voz, de padrões, de formas emergentes de inteligência artificial e da capacidade dos computadores para analisar as bases de dados que permitam compreender o que dizem as pessoas, o que querem dizer e o que desejam. Tudo isto evoluiu tão rápido que como resultado tivemos a criação de empresas dedicadas exclusivamente a potencializar a ideia de um “mundo feliz”.

Seguindo esta mesma linha, o polémico professor de cibernética Kevin Warwick expõe suas teorias sobre a superioridade dos organismos cibernéticos e a necessidade de que os seres humanos se “atualizem” para não serem eliminados por eles. Essa afirmação não é novidade, já na produção literária de ciência ficção de Isaac Asimov encontramos abundantes obras que versam sobre máquinas inteligentes que tentam aniquilar o gênero humano, porém, este autor destaca a ciência ficção como um valor e assinala que: “a iniciação ao maravilhoso mundo da ciência causa um grande prazer estético, inspira a juventude, satisfaz o desejo de conhecer e permite apreciar as magníficas potencialidades e logros da mente humana”. (1)

Por outro lado, o propósito de Warwick está orientado unicamente pela experimentação, introduzindo implantes eletrônicos em seu próprio organismo, convertendo-se no primeiro *ciborg* da história; o mais fascinante, segundo assinala este cientista tem sido conectar seu cérebro com o de sua mulher e esse encontro cérebro a cérebro “foi algo muito íntimo, inclusive mais que o sexo” (2), pois o obstáculo para a comunicação é o corpo e a linguagem. Assim, a fascinação pela neurobiologia produz afirmações ingênuas como: somos nossos genes, é possível reconstruir nossos cérebros, nossa mente é um grande software suportado por um hardware biológico, compreensível, reconstruível e descartável.

Este cenário aparentemente apocalíptico de seres superiores com processadores que controlam cérebros constitui o paraíso das neurociências, o que conduz a anulação de um corpo, desconhecendo o gozo e a castração. Esta fascinação por reduzir as pessoas a um sistema cibernético evoca o problema atual que suporia “uma máquina que não somente poderia pensar senão que mais ainda poderia saber e ainda mais, poderia saber o que pensa e pensar” (3). Diante desta ideia, Lacan assinala que a máquina pode fazer a aparência de algo, porém a verdadeira impossibilidade é que possa fingir que finge, este fato evidencia a ausência de um sujeito da linguagem e do gozo.

Discursos da ciência como o de Warwick, nos remetem a outros autores como Antônio Damásio para quem existe uma equivalência entre mente e cérebro. Ele igualmente afirma que a consciência resulta da aparição do si mesmo em uma mente pré-existente, em outros termos, a mente enquanto cerebral forma parte do corpo orgânico e comanda a estrutura do ser humano, vale dizer os estados mentais não necessitam da subjetividade para existir. Assim coloca o cérebro como causa e criador do ser humano de modo que a regulação da vida se dá por mera necessidade e motivação. A elaboração de mapas cerebrais atua como o ativador, sendo o motor que transforma a regulação ordinária da vida em uma regulação dotada de mente que com o tempo se transforma em uma regulação consciente. Esta perspectiva que define a mente como parte do cérebro, implica que este não se compõe de órgãos senão de mapas e imagens, em outras palavras existem alguns padrões neurais que são simultaneamente imagens mentais. De maneira que “quando os cérebros criam mapas estão criando imagens, a principal insígnia de nossa mente e assim a mente é o reflexo do mundo em virtude dos processos cognitivos” (4).

Nesse sentido, a consciência permite perceber mapas como imagens, manipular essas imagens e aplicá-las ao raciocínio, ampliando ainda mais esta ideia “os processos graças à consciência podem meta representar-se e o inconsciente não seria mais que um processo cognitivo ainda não consciente”(5). Os mapas se constituem quando interagimos com os objetos, por exemplo com uma pessoa, uma máquina, um lugar, ou desde o interior do cérebro até o exterior, ainda que não seja fácil mostrar como se produz o mapeamento. Diante destas afirmações, Bassols assinala “a impossibilidade, inclusive física de separar o cérebro como um órgão do resto do sistema neuronal e a este do conjunto do corpo, faz que o suposto mapa tenha fronteiras tão diluídas (…) que o mapeador (o cérebro) é um tipo de exilado permanente em seu próprio mapa” (6).

A admiração que produzem as atuais neurociências com suas teorias neuronais, redes neuronais, plasticidade neuronal, somando-se às explicações provenientes da neurobiologia e a psicofarmacologia se originaram na suposição de uma união entre o corpo e a mente, o que acarreta na crença de se haver resolvido o histórico dualismo mente-corpo.

De outra parte, a avaliação e as considerações inadequadas sobre o *body-mind problem*, sobre a relação entre “psique e corpo” comportam uma série de consequências e problemas, tais como a hipótese do cognitivismo a qual estabelece e afirma a localização do pensamento e o funcionamento do órgão como adaptação, o que resulta que o corpo se encontra desabitado, maquinizado. Como nos adverte Laurent “a consequência desta fascinação (…) é o fato de que o corpo esteja por sua conta, que se pode fazer com ele qualquer coisa, cortá-lo, traficá-lo. Um sonho no qual poderíamos nos considerar como máquinas com um funcionamento assegurado e que se falha poder-se-ia trocar as peças, de maneira tal que poderia funcionar de novo de maneira normal (…) é o sonho cientificista. Ademais para tranquilizar sobre possíveis erros, há todo um setor das neurociências dedicado a nos tranquilizar com o poder das imagens, pensam que vão ter aparelhos que vão permitir fotografar o pensamento” (7).

É esta a direção que segue atualmente a neurociência, portanto, o sentido da tecnologia científica é sustentar a utopia do Todo, de tal maneira que a generalidade dos fenómenos da psique encontrarão uma explicação determinada pelas leis da biologia, da neurologia, da química e sua localização em algum lugar do corpo. Mais ainda, o modelo acredita que as funções do corpo orgânico, ao serem submetidas às medidas de controle quantitativo, escalas, imagética e dados estatísticos, proporcionarão a leitura de um corpo que não apresenta obstáculos, pois se considera que se pode alcançar diretamente o conhecimento do mesmo. Lacan considera que o único corpo fechado, acabado, é o cadáver que é um corpo que a linguagem não afeta; este modelo de ciência em suas palavras “excluí o corpo que é feito para gozar, gozar de si mesmo. A dimensão do gozo esta excluída completamente do que chamei a relação epistemo-somática”(8). Esta abordagem científica cada vez mais em voga se arroga o direito à saúde, à saúde mental e se autoriza em uma organização mundial como a OMS.

Sob esta perspectiva, as relações entre mente e corpo têm sido ao longo da história uma das interrogações mais desafiadoras para a filosofia e a ciência. Então como orientar-se a partir da Psicanálise diante destas novas abordagens?

Antes é preciso assinalar que a psicanálise e o descobrimento freudiano nasceram vinculados à existência da ciência, não obstante, este argumento não implica que a psicanálise na atualidade seja equivalente à noção de ciência, senão que se deve iniciar como indica Miller “uma dialética entre ciência e Psicanálise” a partir da presença de dois discursos: o discurso cientifico e o discurso do Outro, do inconsciente cuja incidência segue ressoando na ciência. E mais: “A Psicanálise seria impossível se não fora pela existência da ciência, se não fora pelo que a mente científica destruiu em nosso mundo”(9). Da mesma forma, sabemos que no início de sua obra, Freud esperava que a psicanálise pudesse fazer parte da ciência neurológica, manifestando a mesma preocupação de examinar a relação entre o corpo e a chamada alma ou psique.

Porém, para abordar os antecedentes psicanalíticos sobre esse tema, uma direção é seguir as indicações de Lacan que facilitam ler a teoria psicanalítica desde seu ponto de partida em Freud, para seguir até o último ensino de Lacan. A partir dessa ótica, os seminários 2, 7 e 16 de Lacan desbravam o caminho com a ajuda de uma leitura feita pelo mesmo Lacan sobre o texto *Entwurf* de Freud. Esse olhar permite vislumbrar que o projeto científico freudiano se desenvolve a partir de dois princípios: um referido à teoria neuronal e outro referido à concepção de quantidade. Este ponto de vista quantitativo remete à intensidade excessiva de certas ideias, que se colocam em jogo na observação clínica das patologias mentais. Essa noção de excesso constitui o que funda o princípio básico da atividade neuronal e é simbolizada pela letra Q, inicialmente como uma quantidade que se pode definir como aquilo que circula ou que se detém entre os neurônios, em um neurônio ou em um conjunto de neurônios, diferenciando a atividade do repouso.

Pontualmente, Miller postula que “este conceito de atividade (...) esta quantidade designa uma quantidade submetida às leis gerais do movimento. É dizer que se trata de uma realidade que é de ordem psíquica, que é tratável segundo as exigências do programa físico matemático” (10). Essa tentativa de Freud de construir um esquema do aparelho psíquico a partir da organização do sistema nervoso gera, a partir desse momento, a questão de saber mais sobre a noção de quantidade, energia e em que a energia psíquica se distingue de uma realidade física. Partindo dessas premissas, Freud vai construindo a noção de pulsão cuja disposição aparece como um limite entre o psíquico e o somático. Assim, ao formular a proposta da pulsão de morte não se refere à morte biológica, mas a um mais além da vida, aberta a um corpo falante e cuja repetição surge como algo mortificante com respeito a um bem-estar do corpo e do sujeito.

Freud continuou iluminando sua investigação a partir de outros campos que já não competem à neurologia, e mostrando passo a passo a inexistência de uma relação entre o discurso sobre os neurônios e o discurso sobre a neurose. Essa ruptura radical se amplia quando Freud desenvolve seu método sobre a interpretação dos sonhos e constrói um esquema que aparece no capítulo VII de “*A Interpretação dos sonhos”* com o propósito de esclarecer os processos oníricos. Lacan, em seu Seminário 16, ao retomar a contribuição do texto *Entwurf*, assinala que Freud anuncia com o nome de aparelho ψ o que regula, no organismo, a função do princípio do prazer. A economia do sistema ψ carece da função de adaptação ou a adequação da resposta motora. Esse aparelho se aloja nos seres vivos, não em qualquer um, mas trata do que ocorre na economia humana, naquele que se define como ser falante, exemplificando-o com a função do sonho.

A partir dessa proposta freudiana, o esquema dá conta da dimensão simbólica do inconsciente e o aloja entre a percepção e a resposta motora, assim pode mostrar que não há relação direta entre a psique e o corpo; Lacan segue esse mesmo caminho ao ensinar que nunca haverá no ser falante um relacionamento entre o psíquico e o somático, senão uma relação mediada pelo simbólico. Esta é “a aventura à qual Freud é lançado para explicar o funcionamento do aparelho regulador do inconsciente, na medida que governa uma economia radical que nos permite avaliar (...) nossos pensamentos. Este passo é o acontecimento Freud. Na posição freudiana, da representação só se sustenta o que, em um ponto, se articula com uma estrutura feita de tramas e redes que passam completamente fora do circuito do sujeito em que se pretendia unificar a representação” (11). O passo freudiano é libertar o corpo do somático e ao mesmo tempo estabelecer que o corpo está implicado com o somático, mas não está causado por ele. Assim, na base da intervenção freudiana o traço da percepção não está inscrito em nenhum lugar e o inconsciente é precisamente a falta desse traço, não o traço de algo que aconteceu.

O ser falante está submergido na linguagem e funciona a partir de marcas apagadas pela própria linguagem. Entre o ser que fala e o corpo, se situa o inconsciente como discurso que é o único que permite alguma relação entre ambos. Então, o sujeito do inconsciente não é nenhuma memória inscrita no HD de nenhum cérebro como processador, o sujeito do inconsciente é sim o apagamento, a descontinuidade introduzida pelo significante no real. Em outras palavras, o sujeito do significante não é um traço, mas o apagamento do traço. Esta aproximação faz pensar que é evidente que no corpo acontecem coisas imprevistas, que na realidade se tratam de acontecimentos de discurso que deixam traços no corpo e que esses traços perturbam o corpo, fazem sintomas.

No entanto, não é a base material dos neurônios o que Freud traz, mas sim a referência ao funcionamento do inconsciente que induziu Lacan a substituí-lo por outra base material, que é o significante, o que o permitiu atribuir à causalidade psíquica a forma de causalidade significante. Assim, o inconsciente começa a tomar forma estruturado como uma linguagem, linguagem tal como desvela a experiência analítica, que não é uma função do psíquico, nem se confunde com seu funcionamento somático. Segundo Lacan, se há um órgão da linguagem é um órgão exterior ao corpo, localizado no lugar do Outro.

Da mesma forma, a noção de sujeito que Lacan formula não corresponde ao sujeito psíquico, mas o sujeito é uma noção articulada aos efeitos da linguagem, mais claramente aos efeitos de *lalangue* sobre o corpo. O sujeito lacaniano significa a ausência da relação direta entre psique e corpo. Miller afirma que “O sujeito de Lacan é um sujeito do qual podemos dizer que está pura e simplesmente abolido na neurociência, pois para ela o postulado é aristotélico: o que é psíquico se solta, é o duplo do orgânico” (12).

De outro lado, é verdade que para a psicanálise não somos um corpo, nós temos um corpo e o que Freud descobre é que esse corpo sofre de algo que se decifra. O sujeito do inconsciente freudiano não se deixa reduzir ao corpo; o estudo das paralisias histéricas nos alerta sobre “a histeria que se comporta como se a anatomia do sistema nervoso não existisse” (13). Da mesma forma e seguindo a ideia de que um corpo afetado não coincide com o organismo, a psicanálise afirma que se trata de um corpo recortado pelo simbólico e diz que é impossível pensar o corpo do ser falante em termos de alguma energética propriamente científica. O corpo não corresponde ao ser mas sim ao ter e pode-se conhecê-lo por meio da imagem; de seu funcionamento não temos nenhum conhecimento, o apreciamos por sua aparência; o ser falante adora uma simples e pura imagem. A imensa arrogância narcisista, própria dos seres humanos, se origina nesse defeito de identificação entre o ser e o corpo.

Assim como já foi discutido anteriormente, há uma incidência de *lalangue* no corpo, o que supõe a incidência de um gozo no corpo. A linguagem é o que permite colocar e articular as experiências corporais de gozo com a imagem. *Lalangue* instila gozo no corpo e é através de representações, ideias e pensamentos que se realça a ausência de relação entre o psíquico, a alma e o corpo. A esse respeito Lacan afirma “que uma estrutura, a da linguagem – a palavra o permite – recorta seu corpo, o que nada tem a ver com a anatomia. A prova é o histérico. Esse corte chega à alma com o sintoma obsessivo: pensamento com o qual a alma se entorpece, não sabe o que fazer” (14). Portanto, o pensamento não está a serviço de operações cognitivas superiores, mas sim como ensina Lacan, o pensamento implica gozo, é uma via que conecta corpo e alma de uma maneira não organizada senão com um efeito de afeto no corpo. Se trata do que perturba, faz traço no corpo. O efeito de afeto inclui o efeito de sintoma, de gozo.

As orientações de Freud e de Lacan e seus ensinamentos vão guiar o psicanalista para impedir que ele se perca em teorias que propõem harmonizar os sintomas relacionados ao desequilíbrio entre organismo e psiquismo, entre corpo e mente, entre cérebro e mente, orientando para um trabalho analítico tal como Lacan estabelece: “deixemos o sintoma no que ele é: um acontecimento de corpo”. Na realidade “sempre se trata de acontecimentos de discurso que deixaram traços no corpo e estes traços perturbam o corpo. Fazem sintoma somente se o sujeito em questão é capaz de ler estes traços, de decifra-los” (16). De mesma forma se torna imprescindível orientar-se pelo real que se constata na experiência clínica, o real da ausência da relação sexual, da ausência de uma lei, da ausência de uma lei sexual que não pode se escrever.

Para concluir, ainda é preciso desdobrar o ciframento e verificar os esforços de Freud e Lacan para fazer existir a psicanálise, como falou Miller “Os remanejamentos de seu ensino se fazem sem fissuras utilizando-se os recursos de uma topologia conceitual que garante a continuidade sem interditar a renovação. Assim, de Freud a Lacan, diremos que o mecanismo do recalque nos é explicitado pela metáfora, tal como do inconsciente ao falasser a metáfora nos dá o envelope formal do acontecimento de corpo. O recalque explicitado pela metáfora é uma cifração e a operação de cifração trabalha para o gozo que afeta o corpo. É com um remendo como este, de peças diversas, de diferentes épocas, tomadas emprestadas de Freud e de Lacan, que se tece nossa reflexão - não temos de recuar diante do fato de assim fazer um remendo a fim de avançar na circunscrição da psicanálise no século XXI”. (17)

**Referências bibliográficas:**

1.- Asimov, I. “*Introducción a la ciencia”,* Ed. Plaza y Janes, 1984, España. Prólogo.

2.- [www.kevinwarwick.com](http://www.kevinwarwick.com)

3.- Bassols, M. *“Resonancia Semántica versus Resonancia Magnética”*, Tu Yo no es tuyo, Ed. Tres Haches, Argentina, 2011, p. 80.

4.- Damasio, A. “*Y el cerebro creo al hombre*”, Ed. Planeta, España, 2010.

5.- Laurent, E. “*Lost in cognition*”, Ed. Diva, Argentina, 2005, p. 54.

6.- Bassols, M. “*Los zapatos de Antonio Damasio*”, Tu Yo no es tuyo, Ed. Tres Haches, Argentina, 2011, p. 133.

7.- Laurent, E. “*Los órganos del cuerpo* *en la perspectiva psicoanalítica”*, Revista digital Consecuencias, revconsecuencias.com.ar , septiembre 2009.

8.- Lacan, J. “*Psicoanálisis y medicina*”, Intervenciones y textos, Ed. Manantial, Argentina, 1985, p. 92.

9.- Miller, J.A. Conferencia “*El psicoanálisis, su lugar entre las ciencias*”, Jerusalem, 1988, publicado en Universidad Popular Jacques Lacan.

10.- Miller, J.A. Curso del 6 de febrero de 2008, publicado en TLN 378.

11.- Lacan, J. *“Seminario 16 De otro al otro”*, Ed. Paidós, Argentina, 2008, p. 179.

12.- Miller, J.A. “*El lenguaje aparato de goce*”, Ed. Diva, Argentina, 2000.

13.- Freud, S. “*Algunas consideraciones con miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas*”, Obras Completas, Volumen I, Ed. Amorrortu, Argentina, 1986.

14.- Lacan, J. “*Psicoanálisis Radiofonía y Televisión*”, Ed. Anagrama, España, 1977, p. 88.

15.- Lacan, J. “*Joyce el Síntoma*”, Otros Escritos, Ed. Paidós, Argentina, 2012, p. 595.

16.- Miller, J.A. “*Biología Lacaniana y acontecimiento del cuerpo*”, Ed. Diva, Argentina, 2002, p. 76.

17.- Miller, J.A. “*El inconsciente y el cuerpo hablante*”, Presentación del tema del X Congreso de la AMP, 2016.

**Bibliografía:**

Lacan, J. “*Seminario 20 Aun*”, Ed. Paidós, Argentina, 1989.

Lacan, J. “*Seminario 23 El sinthome*”, Ed. Paidós, Argentina, 2006.

Miller, J.A. “*Piezas sueltas*”, Ed. Paidós, Argentina, 2013.

Miller, J.A. “El hombre neuronal”, Ornicar 3, Ed. Pretel, 1981.

Searle, J. “Mente, lenguaje y sociedad: la filosofía en el mundo real” Ed. Alianza, Argentina, 2004.

**Tradução:** Henri Kaufmanner e Guilherme Ribeiro